
O PIBID PEDAGOGIA DA UENF: ESTÍMULO À AUTORIA PELA ESCRITA SOLIDÁRIA

Rysian Lohse Monteiro¹
Eliana Crispim França Luquetti²

Resumo: O objetivo desse trabalho é abordar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como política pública de formação inicial docente, a partir da descrição do processo de estímulo à autoria do projeto PIBID Escrita Solidária no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). A metodologia utilizada é a documental e bibliográfica na medida em que recorre aos questionários, arquivos de registros de vídeos e de relatórios do PIBID Pedagogia e os interpreta conforme os conceitos utilizados pela pedagogia da autoria. Como resultado do processo descrito pode-se afirmar que a autoria tem um impacto positivo na formação inicial dos estudantes de pedagogia de forma crítica e criativa, incentivando o uso integrado de múltiplas linguagens, o respeito à pluralidade e à construção coletiva, reconhecendo alunos e professores como sujeitos ativos da aprendizagem.

Palavras-chave: Escrita. Formação docente. PIBID.

Introdução

O PIBID é mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), em desenvolvimento em diversas universidades públicas do país. Seu foco é a qualidade e a valorização das práticas escolares, possibilitando a distribuição de bolsas a estudantes de licenciaturas e professores de escolas públicas. O programa visa assim antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Dessa forma, ocorre uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

A relação dos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com a escrita autoral sob o âmbito do Projeto da Escrita Solidária: Sistema de suporte à escrita docente e discente sob a perspectiva da linguagem, das artes e das ciências naturais é o foco desse trabalho. Uma vez que o projeto Escrita Solidária é um sistema de suporte à escrita na Licenciatura em Pedagogia e quatro escolas municipais do Ensino Fundamental, iniciado em março de 2014, foi elaborado devido às recorrentes dificuldades dos alunos que ingressam no Curso de Licenciatura em

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, rysian_lohse@hotmail.com.

² Professora Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense, elinafff@gmail.com.



Pedagogia dessa universidade para realizar atividades acadêmicas que envolvem a escrita autoral, muitas vezes até demonstrando medo de escrever.

Assim, a idealização do projeto Escrita Solidária visou construir um *lócus* de discussão em torno da naturalização do medo de escrever que, de maneira paradoxal, ocorre em qualquer nível de escolaridade e mais, se dá em silêncio, fazendo com que tanto estudantes quanto professores dos primeiros níveis de ensino acreditem que os pares dos níveis seguintes não têm os mesmos receios e dificuldades.

A partir dessa análise buscamos identificar os desdobramentos da experiência de participação no PIBID: Escrita Solidária e de que forma isso influenciou na relação com a escrita autoral dos bolsistas. Pretende-se também enumerar os motivos que envolvem à recusa em relação à escrita autoral e evidenciar de que maneira essa recusa pode interferir na futura ação docente desses bolsistas.

1. Sentidos da formação inicial de professores articulada ao PIBID

Qual é o tipo de formação que os licenciandos que fazem parte do PIBID podem receber? Essa experiência contribui para superar o distanciamento entre os espaços da formação e do exercício profissional? Quais são as possíveis implicações para a formação profissional dos participantes do Programa?

Muitas questões semelhantes surgem quando se fala do PIBID e a efetivação desse programa. O PIBID é sem dúvida uma ponte, onde o licenciando pode relacionar a teoria com a prática, isso é possível com a integração da universidade com a escola, enriquecendo assim a formação desses futuros professores.

O PIBID como política pública, caminha em sentido à implantação de uma prática reflexiva de qualidade, ao contrário do que acontece na formação de docentes em alguns cursos superiores, quando estes são realizados de maneira aligeirada e mais com caráter de certificação do que de formação, cuja pesquisas levam a compreender porque as políticas de formação de professores apontam insuficiências que ainda não foram superadas.

De acordo com a Portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010, são objetivos do PIBID: incentivar a formação de professores para a educação básica, especialmente para o ensino médio; valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; promover a melhoria da qualidade da educação básica; estimular a integração da educação superior com a educação básica no ensino fundamental e médio, de modo a estabelecer projetos de cooperação que elevem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública; fomentar experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador, que utilizem recursos de tecnologia da informação e da



comunicação, e que se orientem para a superação de problemas identificados no processo ensino-aprendizagem.

A necessidade de investimento em um processo qualificado de formação de professores, baseia-se no fato de que eles exercem papel essencial nos processos de aprendizagem, mais especificamente e no desenvolvimento da sociedade, de uma forma geral.

Contudo, também compreendemos que um professor bem preparado não é aquele com o maior número de cursos de formações continuadas, mas, sim, aquele que realmente consegue incorporar na sua prática os conhecimentos provenientes de sua reflexão a partir de suas vivências teórico-práticas.

Pesquisas de Diniz Pereira (2000) apontam que nos cursos de licenciatura, um dos principais problemas é justamente o distanciamento do contexto de trabalho para o qual se está formando o licenciando. Muitos dos professores em exercício declaram que a Licenciatura não prepara o seu licenciando para as demandas e desafios da docência. O que ocorre é a necessidade de um equilíbrio na relação entre teoria-prática, de modo que os cursos deixem de priorizar mais os saberes teóricos em detrimento de uma formação prática.

O autor Antônio Nóvoa (2009) confirma essa afirmação quando apresenta em seus textos, o quanto é importante a formação docente vincule a teoria com a prática.

No essencial, advogo uma formação de professores construída dentro da profissão, isto é, baseada numa combinação complexa de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os professores mais experientes e reconhecidos. (NÓVOA, 2009, p. 212)

Diante dessa informação, o PIBID é uma política pública no Brasil que contribui para o cenário da educação brasileira, diretamente na formação dos professores. É centrada na prática sem desmerecer a teoria. Essa política pública de formação docente permite que trabalhem juntas, a teoria e a prática, o que é muito importante nos cursos de licenciatura.

Pensando no conceito de formação de professores, percebemos que está relacionado à aquisição ou aperfeiçoamento de conhecimentos, competências e atitudes que são necessárias a prática docente. Assim de acordo com García(1999):

A Formação de Professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se envolvem, individualmente ou em grupo, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permitem intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (GARCÍA, 1999, p.26).



Sendo assim, na formação de professores é muito importante a integração do conhecimento teórico (representado pelos saberes disciplinares) e prático (constituído pela atuação profissional).

Buscamos entender de que maneira a Escrita Solidária influenciou os bolsistas do PIBID Pedagogia em sua relação com a escrita autoral.

2. PIBID - Escrita Solidária

O projeto “Escrita Solidária: sistema de suporte à escrita docente e discente sob a perspectiva da Linguagem e das Ciências Naturais” desenvolvido em quatro escolas municipais do Ensino Fundamental foi iniciado em março de 2014.

As escolas atendidas são: Escola Municipal Francisco de Assis; Escola Municipal José do Patrocínio; Escola Municipal Maria Lúcia e Escola Municipal Pequeno Jornaleiro.

Conceitualmente e metodologicamente, o projeto discute aspectos de uma dominação histórica que demanda uma revisão das compreensões que se tem da escrita – tanto como extensão da comunicação quanto como um direito, a fim de contribuir à emancipação do pensamento humano.

Além disso, apesar de estar centrado na escrita, o projeto não propõe um curso de língua portuguesa para licenciandos e professores sanarem suas dificuldades no uso da norma culta da escrita. Outro ponto importante é que, nesse projeto, a centralidade da escrita não decorre do fato de considerarmos que ela seja superior à leitura, mas porque o medo de escrever é mais frequente do que o medo de ler, mesmo entre os mais escolarizados. Dessa forma, a leitura é usada como incrementadora da qualidade da escrita, tendo em vista que o aprimoramento desta implica necessariamente o aperfeiçoamento da primeira.

De acordo com Carmo (2013), para compreender o que se está nomeando de “Escrita Solidária” é necessário indagar, no sentido contrário, se os resultados do medo solitário de escrever – como angústia, ansiedade, paralisação do raciocínio - podem ser descritos, tornando-os visíveis em sua dimensão coletiva e levados ao reconhecimento comum de que são sofrimentos naturalizados como se fossem problemas pessoais em relação à escrita.

Dessa forma, explicitou-se no projeto, o medo de escrever em sua condição coletiva de um problema interiorizado de maneira crônica. E, por ser algo tão intenso e enraizado, não pode ser resolvido isoladamente e de uma só vez, requer esforço coletivo e paciência.

3. O medo de escrever



A base desse estudo, de acordo com Kramer (1999) é a percepção de que, para formar leitores e pessoas que gostem e desejem escrever, os professores também devem possuir afinidades com a linguagem, vivenciando como prática social e cultural a leitura e a escrita. Então:

Como é possível a um professor ou a uma professora que não gosta de ler e de escrever, que não sente prazer em desvendar os múltiplos sentidos possíveis de um texto, trabalhar para que seus alunos entrem na corrente da linguagem, na leitura e na escrita? Inversamente, se o professor ou professora gosta de ler e de escrever, se é contador de casos e de histórias, o que (na sua trajetória de vida) favoreceu esse gostar, essa prática? Que relação professoras e professores têm com a linguagem no seu cotidiano? O que contam, leem, escrevem? Como ocorreu essa relação com a escrita ao longo de suas histórias de vida construídas na coletividade? De que maneira esta experiência acumulada influencia a relação desses professores com seu trabalho? (KRAMER,1996, p.18).

Destacando a importância que damos à escrita, estas questões são muito relevantes, principalmente quando pensamos na formação de professores. Os futuros profissionais precisam gostar de ler e não ter medo ou vergonha de escrever. Dessa forma, refletir sobre a formação implica conhecer, no presente, aquilo que dá indícios para o futuro. Sobre isso, Kramer (1999) diz que:

(...) cada vez se enfatiza mais a necessidade de aprender a ler e a escrever e não a importância de aprender com a linguagem, com a leitura, com a escrita, compreendidas como experiências, como práticas sociais e culturais, mais do que como práticas escolares. A escola tem a obrigação de assegurar a todos o acesso ao conhecimento e, nesse sentido, garantir condições para práticas reais de leitura e escrita é seu dever. Por outro lado, entendemos que a formação é direito e a concretização de práticas de leitura/escrita precisa ser parte da formação de professores. Nesse processo, aprender com a experiência, rever a própria trajetória com a leitura e a escrita, reler aquilo que foi escrito em cada um de nós — e não só aquilo que aprendemos a escrever e a ler — podem se constituir em ações formadoras da maior importância (Kramer, 1999,p.150).

Essa discussão é importante, pois a perpetuação dessas dificuldades e receios da escrita vivida pelos docentes, como já citado, pode acarretar consequências negativas, visto que isso possivelmente atingirá seus alunos, gerando um ciclo vicioso de pessoas com problemas em relação à escrita.

Em relação às dificuldades de escrever, Bonh (2003, p.83), em sua pesquisa, considera que o professor “não se considera escritor e entende que não forma alunos escritores”. Em contrapartida, fica angustiado com essa situação e não vê maneiras de solucioná-la. Da mesma forma que seus alunos, que também apresentam o medo de escrever, medo que possivelmente originou-se em sua formação no ensino fundamental e não foi solucionado nas fases seguintes, uma vez que, como o autor ressalta, não é de estranhar que “alunos universitários, profissionais liberais, pós-graduandos quando confrontados com a produção textual entram em pânico.” (Id, p.81)



Outros especialistas como Pécora (1992) e Geraldi (2008) também trataram de questões relacionadas à produção de textos. O primeiro identificou que os problemas na produção de textos são recorrentes também entre estudantes do ensino superior, o que o fez diagnosticar como possível causa um rebaixamento da qualidade de todos os níveis (PÉCORA, 1992, p.7). Já o segundo, ao pensar saídas para esses problemas, lembra que a produção de textos ainda no ensino fundamental foge totalmente ao uso da língua, ou se dá em uma situação de emprego da língua artificial, uma vez que os estudantes escrevem exclusivamente para um único leitor: o professor, que corrigirá essa produção para dar nota (GERALDI, 2008, p.65). Dessa forma, tanto esse aspecto artificial do uso da língua, quanto o sensível rebaixamento da qualidade de ensino colaboram para que estudantes apresentem dificuldades, mesmo aqueles que possuem alto nível de escolaridade.

4. Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido com os bolsistas participantes do PIBID: Escrita Solidária, durante os anos de 2014 e 2015, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa se iniciou com a escolha do problema: “De que maneira a participação no PIBID: Escrita Solidária influenciou os bolsistas em sua relação com a escrita autoral?”

O passo seguinte foi a coleta de dados e o instrumento de coleta para a pesquisa realizou-se através da entrevista padronizada, isto é, segundo Gil (1991), a entrevista padronizada ou estruturada é aquela que detém de um roteiro previamente estabelecido, além disso, a mesma contém questões abertas, explorando sempre a opinião do entrevistado.

Apesar de o programa possuir vinte e quatro bolsistas, para essa análise foram considerados apenas dezessete. O critério usado foi o de permanência de pelo menos 1 (um) ano no projeto. Esse critério se justificou pela experiência adquirida por meio das intervenções na escola, participações nas oficinas e ações voltadas para o desenvolvimento da escrita autoral, do desbloqueio, criatividade e autoestima; cremos que este período de tempo deu embasamento e suporte aos relatos dos entrevistados de suas experiências e aprendizados adquiridos por meio das vivências de ação/intervenção, proporcionados pelo PIBID Escrita Solidária.

Para a coleta de dados foi proposto um questionário constituído de dez blocos de perguntas e aplicado já no segundo mês do projeto. Os blocos foram: Socioeconômico; Histórico escolar com a escrita; Qualidade da escrita; Escrita na universidade; A escrita fora da universidade; Ações e reações; Universidade; Relação com os colegas de sala; Relação no trabalho; Comportamento. O questionário mesclou perguntas fechadas com abertas e todas as respostas foram tabuladas numa planilha do aplicativo Excel.



O segundo questionário foi composto de seis questões abertas, a fim de averiguar as principais mudanças e permanências em relação ao início do projeto.

5. Análise de dados

A análise do primeiro questionário nos mostra que, dos dezessete bolsistas, quinze são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Desses, doze vieram da rede pública de ensino e cinco da rede particular.

Quando perguntados se na época da escola participaram de algum projeto que visava promover a escrita 47% disseram que sim. Sobre terem tido o hábito de escrever diários ou blogs 41% também responderam afirmativamente. Quando questionados se acreditavam que a relação deles com a escrita ao longo da vida influenciou em seu desempenho acadêmico atual 100% dos entrevistados responderam que sim, dos quais 23% ressaltaram que os problemas que possuem hoje em relação a escrita são fruto de dificuldades que começaram na escola.

Indagados se já tiveram que ler algo que escreveram em voz alta para turma e como se sentiram apenas 11% declararam não ter problemas com a situação, entre os outros 89% as palavras citadas para definir como se sentiram estão apresentadas no gráfico a seguir:

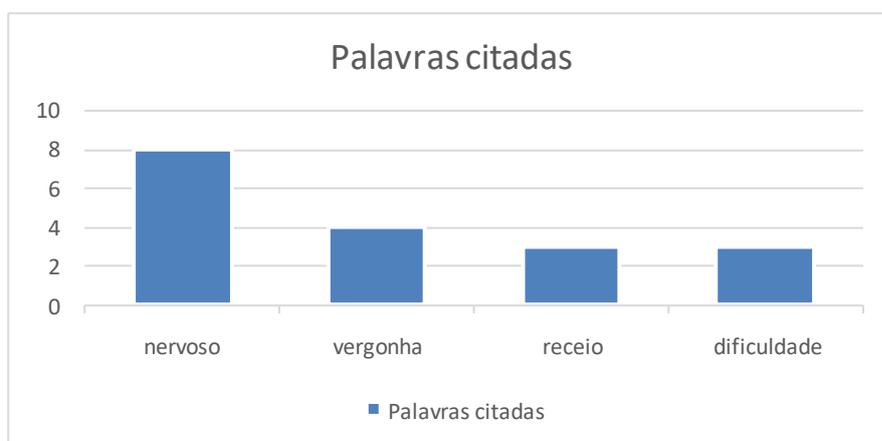


Gráfico 1

Quando questionados sobre como se sentem quando um professor pede um trabalho escrito, os sentimentos mais citados foram:



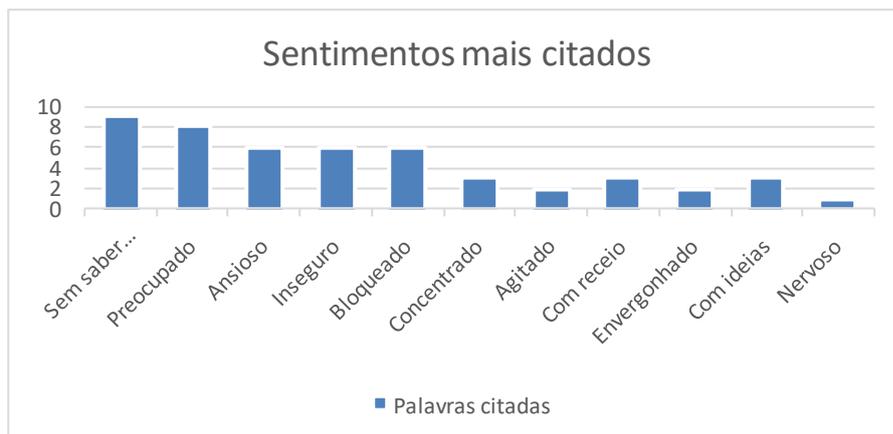


Gráfico 2

Sobre o que tinham escrito nos últimos dois meses fora da faculdade as respostas foram:



Gráfico 3

Depois, foram perguntados, dos itens citados acima quais mais gostaram de escrever. E os mais citados foram estes:



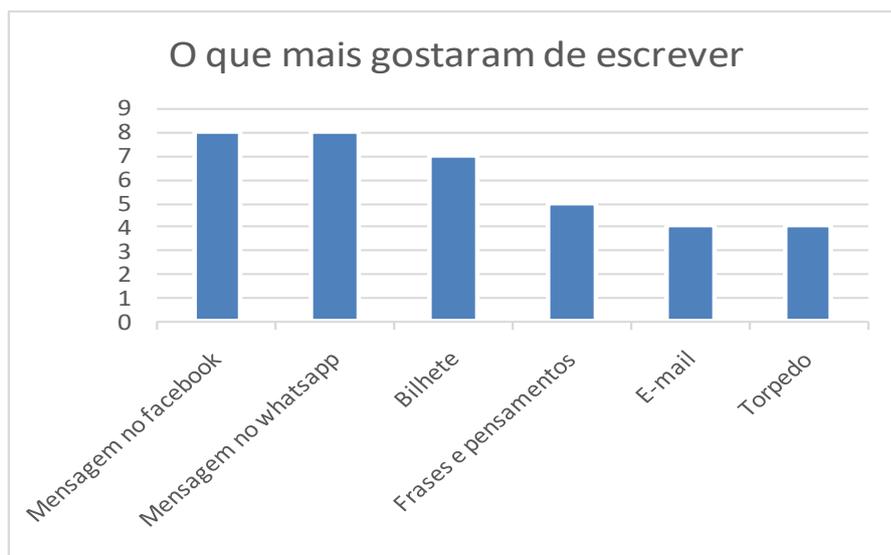


Gráfico 4

Após um ano de trabalho focado em melhorar a relação dos bolsistas com a escrita, outro questionário foi aplicado. O segundo questionário foi composto de seis questões abertas, a fim de averiguar as principais mudanças e permanências em relação ao início do projeto.

O primeiro questionamento feito foi como eles se sentiam e se sentem agora quando se trata de escrever respostas em provas discursivas e trabalhos acadêmicos. E o resultado obtido foi:

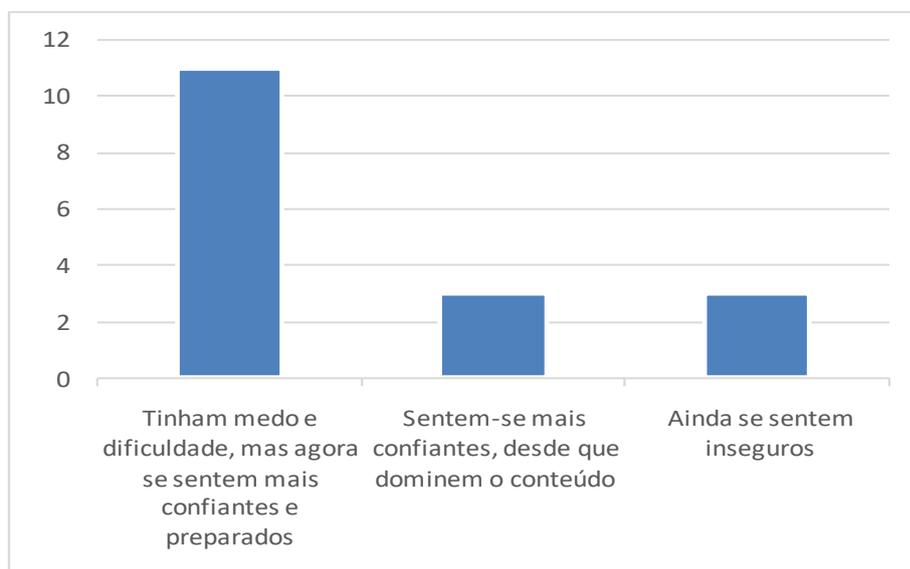


Gráfico 5

Quando perguntados se a disciplina oferecida pelo Pibid ajudou a melhorar a escrita, grande parte disse que sim:



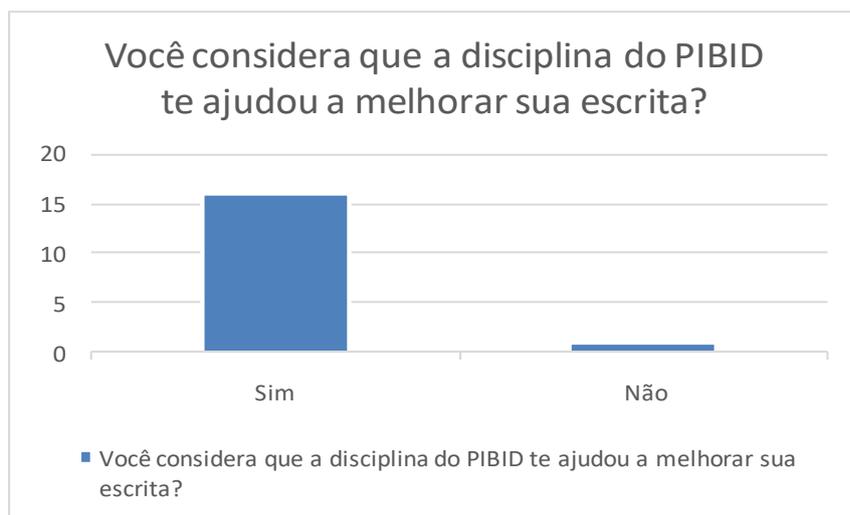


Gráfico 6

Além disso, muitos bolsistas também citaram que perceberam melhoras em seus textos acadêmicos e em textos narrativos e argumentativos.

Em relação ao medo de escrever antes de participar do projeto o que se verificou foi:

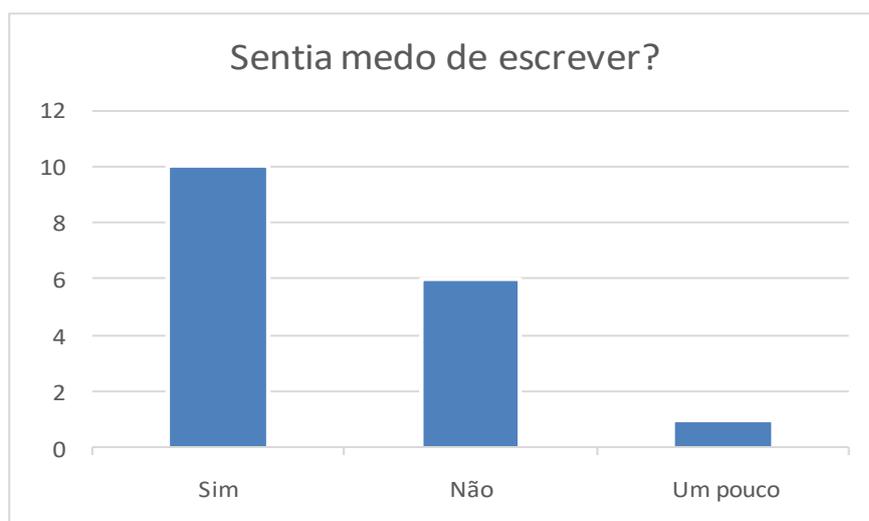


Gráfico 7

E quando questionados se atualmente se sentem mais seguros para escrever, o resultado foi muito promissor:





Gráfico 8

Mesmo aqueles que afirmavam não ter medo de escrever dizem se sentir mais preparados e confiantes agora. Apenas uma bolsista disse ainda não se sentir segura em relação a sua escrita.

Entretanto, quando os bolsistas foram perguntados se ainda sentem vergonha de mostrar seus textos para outra pessoa, o resultado foi este:

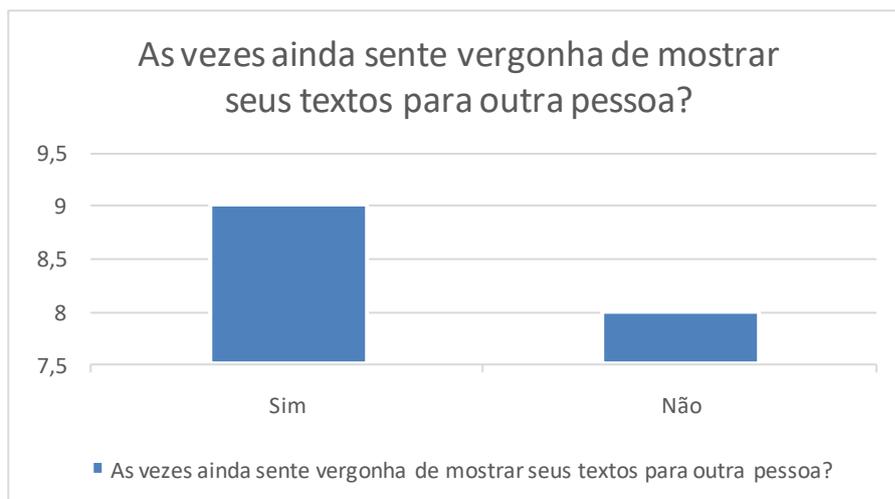


Gráfico 9

O motivo mais citado para essa vergonha foi o medo de ortografia errada. Esse resultado mostra que apesar de se sentirem mais seguros para escrever, a vergonha de mostrar o texto para outra pessoa ainda é um problema para os bolsistas e precisa ser mais trabalhado no projeto.

Outro dado importante é quando os bolsistas foram questionados se elaborar um texto ficou mais fácil depois de participarem das oficinas do projeto, a maioria respondeu que sim. Como mostra o gráfico a seguir:



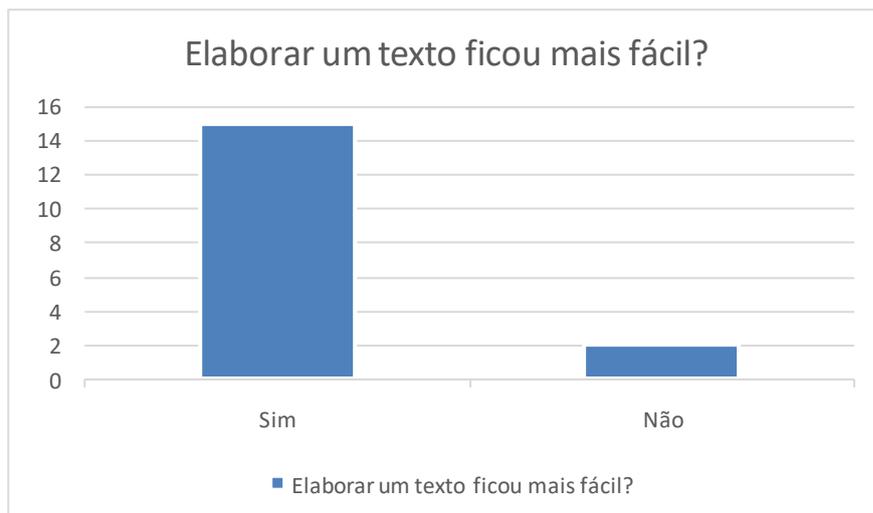


Gráfico 10

Além disso, os bolsistas também foram questionados se acharam importante conhecer melhor os tipos textuais:

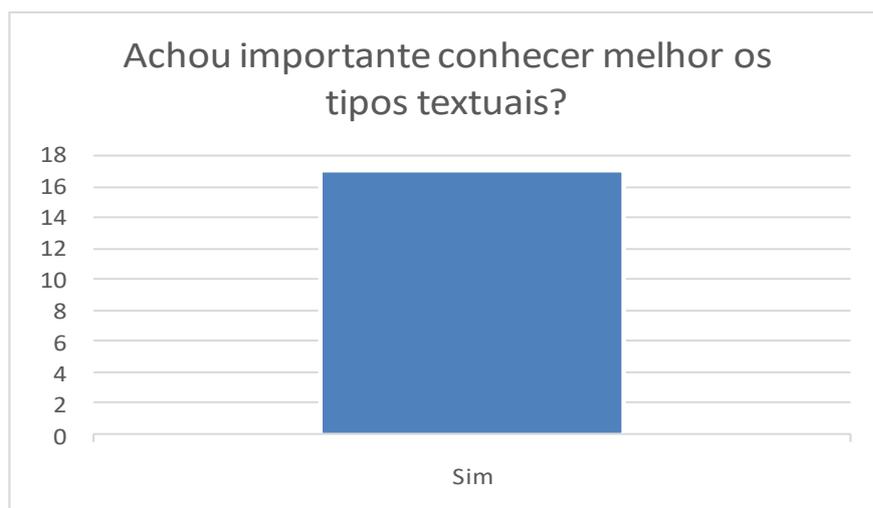


Gráfico 11

A maioria dos bolsistas afirmou que conhecer os tipos textuais contribuiu para desenvolverem autonomia e confiança na hora de escrever, além de ampliar seus conhecimentos sobre o assunto.

Essas respostas nos dão um pequeno indício de como escrever pode sim ser um problema, mesmo para aqueles que trabalharão diretamente com a escrita, os futuros professores.

Considerações finais



Partindo da concepção de que o domínio das práticas de escrita é essencial para futuros professores, este estudo visou discutir a formação docente pelo prisma da linguagem com enfoque na escrita.

Sendo assim, a proposta do projeto Escrita Solidária se apresentou muito acertada, visto que o medo de escrever é real e está presente no dia a dia dos futuros professores. Portanto, este é um problema que merece atenção e deve ser vencido na formação de professores.

Além disso, pudemos notar a evolução dos bolsistas participantes através de suas produções escritas apresentadas a cada oficina, assim como no comportamento na hora de expor suas ideias e textos para os outros colegas.

Constatamos também que houve o desenvolvimento da autonomia dos bolsistas, dentro de sala de aula e nos momentos de discussão. De maneira geral, a autonomia se destacou, principalmente, em meio às experiências por meio das intervenções realizadas nas escolas ou na participação das reuniões coletivas, momento no qual havia discussões sobre as experiências vividas na escola, pensando coletivamente possíveis soluções para impasses que surgiam e/ou mudanças que precisavam ser concretizadas.

Diante disso, conclui-se que existe a possibilidade de mudar positivamente à relação que os futuros docentes têm com a escrita, através de um trabalho a longo prazo, que envolve à autoestima, o autoconceito, o desbloqueio, à criatividade e que esse processo é de extrema relevância para avançarmos no campo da formação docente.

The PIBID Pedagogy UENF: Stimulating authored by Solidarity Writing

Abstract

The objective of this work is to approach the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID) as a public policy for initial teacher training, based on the description of the stimulus process for the authorship of the PIBID project in the course of Licenciatura in Pedagogy of the State University Northern Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). The methodology used is the documentary and bibliographical in that it uses the questionnaires, video record files and reports of the PIBID Pedagogy and interprets them according to the concepts used by the pedagogy of authorship. As a result of the described process, it can be affirmed that the authorship has a positive impact on the initial formation of students of pedagogy in a critical and creative way, encouraging the integrated use of multiple languages, respect for plurality and collective construction, recognizing students and teachers as active subjects of learning.

Key words: Writing. Teacher training. PIBID



Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOHN, H. I. Produção textual e cultura: a interlocução necessária da construção do saber. In: SOUZA S. de BOHN, H. I (Orgs.) *Escrita e cidadania*. Florianópolis: Insular: 2003.

CORREA, Jacqueline Barcelos. *O medo de escrever: problemas da narrativa entre alunas/professoras do PARFOR/UENF*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense - Campos dos Goytacazes, RJ, 2014.

CARMO, Gerson Tavares; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira. *Escrita Solidária: Sistema de suporte à escrita docente e discente sob a perspectiva da linguagem, das artes e das ciências naturais*. Campos dos Goytacazes, 2013. 14p.

CAPES. Portaria normativa nº 260, de 30 de dezembro de 2010: *Normas gerais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID*. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria260_PIBID2011_Nomas_Gerais.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2015.

DINIZ-PEREIRA, J. E. *Formação de Professores: pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE. *A educação na cidade*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCÍA, Carlos Marcelo. *Formação de professores para uma mudança educativa*. Tradução Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999. 271 p.

GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 3.ed. Cascavel:Assoeste, 1984

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) *A magia da linguagem*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A: SERPE, 2001, p.101-121

KRAMER, Sonia. *Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação*. *Cad. Pesqui.* [online]. 1999, n.106, pp. 129-157. ISSN 0100-1574.

KRAMER, Sônia. SOUZA, S.J.(org.) *Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Ática, 1996.

NÓVOA, A. *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

PALHARES-BURKE, M.L.G. Educação das massas: uma “sombra” no século das luzes. In: PÉCORA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P.87-112.

Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233:pidid-apresentacao&catid=155:pidid&Itemid=467> Acesso em 09 de julho de 2015.



